

POR QUE RIEM DA ÁFRICA?



Dilma Melo Silva

A coleção *Percepções da Diferença. Negros e brancos na escola* é destinada a professores da educação infantil e do ensino fundamental. Seu intuito é discutir de maneira direta e com profundidade alguns temas que constituem verdadeiros dilemas para professores diante das discriminações sofridas por crianças negras de diferentes idades em seu cotidiano nas escolas.

Diferenciar é uma característica de todos os animais. Também é uma característica humana muito forte e muito importante entre as crianças, mesmo quando são bem pequenas, na idade em que freqüentam creches e pré-escolas e começam a conviver com outras observando que não são todas iguais.

Mas como lidar com o exercício humano de diferenciar sem que ele se torne discriminatório? O que fazer quando as crianças se dão conta da diferença entre a cor e a textura dos cabelos, os traços dos rostos, a cor da pele? Como evitar que esse processo se transforme em algo negativo e excludente? Como sugerir que as crianças brinquem com as diferenças no lugar de brigarem em função delas?

*Os 10 volumes que compõem a coleção *Percepções da Diferença* chamam a atenção para momentos em que a diferenciação ocorre, quando se torna discriminatória, e sugerem formas para lidar com esses atos de modo a colaborar para que a auto-estima e o respeito entre crianças sejam construídos.*

Os autores discutem conceitos e questionam preconceitos. Fazem sugestões de como explorar as diferenças de maneira positiva, por meio de brincadeiras e histórias, e de leituras que possam auxiliá-los a aprofundar a reflexão sobre os temas, caso desejem fazê-lo.

Para compor a coleção convidamos especialistas e educadores de diferentes áreas. Cada volume reflete o ponto de vista do autor ou da autora de modo a assegurar a diversidade de pensamentos e abordagens sobre os assuntos tratados.

Desejamos que a leitura seja prazerosa e instrutiva.

Gislene Santos

COLEÇÃO PERCEPÇÕES DA DIFERENÇA.
NEGROS E BRANCOS NA ESCOLA

VOLUME 6

**POR QUE RIEM
DA ÁFRICA?**

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Secretário-Executivo

José Henrique Paim Fernandes

**Secretário de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade**

André Luiz Figueiredo Lázaro

**COLEÇÃO PERCEPÇÕES DA DIFERENÇA.
NEGROS E BRANCOS NA ESCOLA.**

Apoio:

Ministério da Educação - Secretaria de Educação
Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD)
Programa UNIAFRO.

Realização:

NEINB - Núcleo de Apoio à Pesquisas em
Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro,
da Universidade de São Paulo - USP.
Coordenação da coleção: Gislene Aparecida dos Santos
Projeto gráfico: Jorge Kawasaki
Pinturas das capas: Zulmira Gomes Leite
Ilustrações: Marcelo d'Saete
Editoração: Nove&Dez Criação e Arte
Revisão: Lara Milani

ISBN 978-85-296-0082-6 (Obra completa)

ISBN 978-85-296-0088-8 (Volume 6)

Impresso no Brasil

2007

Sumário

Por que riem da África?	11
Como a Europa via a África: distorções históricas, ou a História mal contada.....	13
Grandes Reinos africanos antes das invasões européias	15
Conhecimentos milenares	21
Filosofia bantu.....	24
Artes tradicionais negro – africanas.....	27
Encontro da Arte Africana pela Europa.....	28
Primeiros estudos sobre arte africana	31
Zonas Estilísticas	32
Leituras complementares	37
Referências bibliográficas.....	38
ANEXO 1 - Palavras de origem africana presentes no português do Brasil origem iorubá ou bantu.....	39
ANEXO 2 - Mancala ou Awoley – um jogo africano	44
Notas	46
Glossário da coleção	47

PLANO DA OBRA

A coleção *Percepções da Diferença. Negros e brancos na escola* é composta pelos seguintes volumes:

1 - Percepções da diferença. Autora: Gislene Aparecida dos Santos

Neste volume são discutidos aspectos teóricos gerais sobre a forma como percebemos o outro. Para além de todas as diretrizes pedagógicas, lidar com as diferenças implica uma predisposição interna para repensarmos nossos valores e possíveis preconceitos. Implica o desejo de refletir sobre a especificidade das relações entre brancos e negros e sobre as dificuldades que podem marcar essa aproximação. Por isso é importante saber como, ao longo da história, construiu-se a ideologia de que ser diferente pode ser igual a ser inferior.

2 - Maternagem. Quando o bebê pelo colo. Autoras: Maria Aparecida Miranda e Marilza de Souza Martins

Este volume discute o conceito de maternagem e mostra sua importância para a construção da identidade positiva dos bebês e das crianças negras. Esse processo, iniciado na família, continua na escola por meio da forma como professores e educadores da educação infantil tratam as crianças negras, oferecendo-lhes carinho e atenção.

3 - Moreninho, neguinho, pretinho. Autor: Luiz Silva - Cuti

Este volume mostra como os nomes são importantes e fundamentais no processo de construção e de apropriação da identidade de cada um. Discute como as alcunhas e os xingamentos são tentativas de desconstrução/desqualificação do outro, e apresenta as razões pelas quais os professores devem “decorar” os nomes de seus alunos.

4 - Cabelo bom. Cabelo ruim. Autora: Rosângela Malachias

Muitas vezes, no cotidiano escolar, as crianças negras são discriminadas negativamente por causa de seu cabelo. Chamamentos pejorativos como “cabeça fuá”, “cabelo pixaim”, “carapinha” são naturalmente proferidos pelos próprios educadores, que também assimilaram estereótipos relativos à beleza. Neste volume discute-se a estética negra, principalmente no que se refere ao cabelo e às formas como os professores podem descobrir e assumir a diversidade étnico-cultural das crianças brasileiras.

5 - Professora, não quero brincar com aquela negrinha! Autoras: Roseli Figueiredo Martins e Maria Letícia Puglisi Munhoz

Este volume trata das maneiras como os professores podem lidar com o preconceito das crianças que se isolam e se afastam das outras por causa da cor/raça.

6 - Por que riem da África? Autora: Dilma Melo Silva

Muitas vezes crianças bem pequenas já demonstram preconceito em relação

a tudo que é associado à África: música, literatura, ciência, indumentária, culinária, arte... culturas. Neste volume discute-se o que pode haver de preconceituoso em ler desses conteúdos. Apresentam-se ainda elementos que permitem uma nova abordagem do tema artes e africanidades em sala de aula.

7 - Tímidos ou indisciplinados? Autor: Lúcio Oliveira

Alguns professores estabelecem uma verdadeira díade no que diz respeito à forma como enxergam seus alunos negros. Ora os consideram tímidos demais, ora indisciplinados demais. Neste volume discute-se o que há por trás da suposta timidez e da pretensa indisciplinada das crianças negras.

8 - Professora, existem santos negros? Histórias de identidade religiosa negra. Autora: Antonia Aparecida Quintão

Neste volume se discutem aspectos do universo religioso dos africanos da diáspora mostrando a forma como a religião negra, transportada para a América, foi reconstituída de modo a estabelecer conexões entre a identidade negra de origem e a sociedade à qual esse povo deveria se adaptar. São apresentadas as formas como a população negra incorporou os padrões do catolicismo à sua cultura e como, por meio deles, construiu estratégias de resistência, de sobrevivência e de manifestação de sua religiosidade.

9 - Brincando e ouvindo histórias. Autora: Sandra Santos

Este volume apresenta sugestões de atividades, brincadeiras e histórias que podem ser narradas às crianças da educação infantil e também aspectos da História da diáspora africana em território brasileiro, numa visão diferente da abordagem realizada pelos livros didáticos tradicionais. Mostra o quanto de contribuição africana existe em cada gesto da população nacional (descendentes de quaisquer povos que habitam e colaboraram para a construção deste país multiétnico), com exemplos de ações, pensamentos, formas de agir e de observar o mundo. Serve não só a educadores no ambiente escolar, mas também ao lazer doméstico, no auxílio de pais e familiares interessados em ampliar conhecimentos e tornar mais natural as reações das crianças que começam a perceber a sociedade e seu papel dentro dela.

10 - Eles têm a cara preta. Vários autores

Este exemplar apresenta práticas de ensino que foram compartilhadas com aproximadamente 300 professores, gestores e agentes escolares da rede municipal de educação infantil da cidade de São Paulo. Trata-se da Formação de Professores intitulada Negras imagens. Educação, mídia e arte: alternativas à implementação da Lei 10.639/03, elaborada e coordenada por pesquisadoras do NEINB/USP simultânea e complementarmente ao projeto Percepções da Diferença Negras e brancos na escola.

A autora:

Dilma de Melo Silva. Nasceu em Espírito Santo do Turvo-SP, em 18.03.1941. Formou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, em 1969. Mestre em Sociologia pela Universidade de Upsalla, Suécia, em 1978. Doutora em Sociologia pela FFLCH/USP em 1984 e livre docente em Cultura Brasileira pela Escola de Comunicações e Artes da USP, em 1989. Foi uma das fundadoras do NEINB/USP. Professora associada da ECA/USP desde 1981. Publicou:

- *Brasil: sua gente e sua Cultura em 2000*
- *Por entre as Dórcades Encantadas, os Bijagó da Guiné Bissau: subsídios para o estudo do processo de transformação da economia tradicional e suas repercussões na realidade sócio-cultural, SP: Ed. Terceira Margem, 2005;*
- *Arte Africana e Afro brasileira, 2006.*

Presidente da Sociedade Científica de Estudos da Arte (2007-2009); assessora da CAPES, FAPESP e CNPq.

Projeto gráfico: Jorge Kawasaki

Diretor de Arte e designer gráfico, iniciou a carreira em 1974, trabalhou em empresas como Editora Abril e Editora Globo. Criou e produziu vários projetos como colaborador na Young&Rubican, Salles, H2R MKT, Editora K.K. Shizen Hosoku Gakkai (Tôquio, Japão), entre outras.

Pinturas das capas: Zulmira Gomes Leite

Teóloga, Artista Plástica, Acadêmica da Academia de Letras, Ciências e Artes da Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo. Assina as Obras de Artes como Zul+.

Ilustrações internas: Marcelo d'Salete

É ilustrador e desenhista / roteirista de histórias em quadrinhos. Ele mora em São Paulo, capital, estudou comunicação visual, é graduado em artes plásticas e atualmente mestrando em História da Arte. Seu tema de estudo é arte afro-brasileira. Ilustrou os livros infantis Ai de tí, Tietê de Rogério Andrade Barbosa; Duas Casas, de Claudia Dragonetti; entre outros. Participou da Exposição Conseqüências do Injuve, Espanha, 2002; da Exposição de originais da revista Front no FIQ, MG, 2003; e da Exposição Ilustrando em Revista, Editora Abril, 2005. Foi finalista do Concurso Folha de Ilustração 2006.

Dilma de Melo Silva

VOLUME 6

POR QUE RIEM DA ÁFRICA?

COLEÇÃO PERCEPÇÕES DA DIFERENÇA.
NEGROS E BRANCOS NA ESCOLA

Organização
Gislene Aparecida dos Santos

1ª edição
São Paulo
Ministério da Educação
2007

POR QUE RIEM DA ÁFRICA?

Perguntas Iniciais

Se você perguntar a qualquer pessoa: *o que sabe sobre a África?* Com certeza, a resposta vem com uma risadinha... sem graça, disfarçando, pois a pessoa não sabe nada ou quase nada sobre o continente africano.

E por que isso sempre acontece? Por que riem da África?

Afinal, o continente africano foi o berço da humanidade, a história do ser humano começa lá, onde surgiu o Homo Sapiens¹ há cerca de 160 mil anos; os achados dos arqueólogos comprovam essa informação e a civilização mais antiga do mundo localiza-se na atual Etiópia.

Outra coisa: quando se fala de civilização, de cultura, as pessoas quase sempre citam a Grécia ou Roma, ou mesmo o Egito. Mas, as pessoas se “esquecem”, ou não sabem, que o Egito fica no continente africano. Os egípcios marcaram sua ascendência civilizatória sobre povos e civilizações que beiravam o Mar Mediterrâneo: assírios, cretenses, hititas, persas (atualmente os iranianos), os helênicos, entre outros.

Contudo, como veremos mais à frente, os europeus, para justificarem a pseudo-superioridade dos brancos sobre os negros africanos, e sua “missão civilizatória” criaram um mecanismo eficaz: eles “retiraram” o Egito da África, inventando uma categoria conceitual: culturas mediterrâneas.

Esse fato fica comprovado quando fazemos visitas a Museus. Quando você for a um Museu na Europa, espero que vá um dia, por exemplo, ao Museu Britânico, ou ao Louvre, nele, vai encontrar salas e salas com exposições contendo a cultura material africana – fruto de saques, roubos... E, em salas separadas as peças egípcias, juntamente com as etruscas, helênicas... sob o título: *Culturas Mediterrâneas*.

Nas salas egípcias e nas explicações sobre essa civilização, aparecem dados sobre o alto nível de domínio técnico em várias áreas: arquitetura (construção das pirâmides) mumificação (conhecimento de anatomia, fisiologia) irrigação (conhecimento das vazantes e enchentes do Rio Nilo) escrita (hieróglifos que já foram interpretados) domesticação de animais. Até no campo da estética feminina: foi encontrado pó de Henna, produto vegetal usado para tingimento de cabelo.

Bem, não precisa ir tão longe, em nossa capital, São Paulo, na Univer-

sidade de São Paulo, encontramos também esse equívoco no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP/MAE.

Existe no MAE/USP uma exposição permanente sobre África com o título: *Culturas e Sociedades* e, em sala separada, outra exposição com o título: *Mediterrâneo e Médio Oriente na Antiguidade: Pré-História Européia, Egito, Mesopotâmia, Grécia e Roma*.

Curioso, não? O Egito também está retirado da África.

Bem, neste ponto talvez as pessoas já não estejam rindo, mas sim preocupadas e com rugas na testa.

Afinal, somos o que?

Os (as) brasileiros(as), você, eu?

De onde vieram nossos antepassados?

Eram daqui mesmo? Das nações indígenas que aqui existiam?

Vieram da Península Ibérica (Portugal e Espanha)? Mas, esse território europeu foi ocupado pelos mouros, pelos árabes vindos da Arábia, pelo norte da África.

Bom, 800 anos de presença num território devem ter deixado rastros, influências, presenças.

Portanto, como nossos antepassados vieram do continente africano, devíamos conhecer melhor essa região do planeta.

Muitas lembranças devem estar presentes em nós e precisamos reativar este contato com nossas origens, e fazer a viagem de volta para conhecer, descobrir de onde provém nossa Ancestralidade Milenar², tendo orgulho disso.

Um antropólogo francês, Roger Bastide sempre afirmava: *africanus sum* (sou africano) ele era branco de olhos azuis, e, foi um dos primeiros pesquisadores sobre a presença africana no Brasil.

É isso então: *africanus sum*...e se somos africanos, temos que conhecer melhor nossas origens.

Isso não acontece só no Brasil, mas também muitas comunidades de origem africana nas Américas sofrem, até hoje, de lacunas nas referências históricas que dificultam a construção de uma auto-imagem digna de respeito e estima.

Quase nada conhecemos sobre a África e o pouco que nos contam é sempre motivo de riso, de deboche, ou de indiferença. Cabe a nós, educadores e educadoras, comprometidos (as) com o futuro de nossos(as) alunos(as) eliminar as imagens negativas herdadas da literatura colonial e ainda presentes entre nós.

A ancestralidade africana, milenar, nos é ocultada em sala de aula, nos livros didáticos, nos programas de televisão, no dia-a-dia de nossas vidas, por essa razão quase nada sabemos sobre o assunto.

Vejam os porque isso ocorre, porque surgiram tantos equívocos e preconceitos!

Nesta publicação queremos apresentar também fatos e acontecimentos referentes à África que poderão contribuir para a formulação de uma atitude positiva frente às nossas origens.

COMO A EUROPA VIA A ÁFRICA: DISTORÇÕES HISTÓRICAS, OU A HISTÓRIA MAL CONTADA

Os teóricos ocidentais dos séculos XV e XVI até os do século XVIII foram contaminados pelo pensamento de Buffon, Gobineau, Voltaire que pregavam a inferioridade dos negros, não sendo capazes de inventar nem de desenvolver tecnologias avançadas; Voltaire chegou a afirmar: esses povos selvagens não restaram nenhum serviço ao gênero humano, citado por Kalenga (1989) Assim, não valia a pena conhecê-los, nem estudá-los.

Hegel (filósofo alemão) escreveu no século XIX que a África seria: *“uma terra da criança que jaz além do dia da História consciente, envolvida na mancha escura da noite”* e *“entre os negros, os sentimentos morais são extremamente fracos, ou melhor dizendo, inexistente”*. (citado por Ki-Zerbo 1980).

Em um de seus livros, sobre a Filosofia da História, citado por Ki-Zerbo (1980), escreve, em 1830: A África não é uma parte da história do mundo. Não tem movimentos, progressos a mostrar, movimentos históricos próprios dela. Essa afirmação faz parte de um discurso eurocentrista que condenava os africanos e seus descendentes à condição de objetos e não de sujeitos da História.

No século XV com a expansão européia, a África aparece como um espaço “vazio” cuja história se inicia com a presença dos europeus.

As descrições existentes eram apavorantes: Nascimento (1996) cita um monge beneditino, Ranuf Higden, que em 1350 afirmava que a África era habitada por seres humanos que tinham só um olho e que cobriam a cabeça com os pés; outro escritor afirmava que os africanos eram pernetas com três rostos e cabeça de animal; em 1459 Fra Mauro, monge italiano, escreveu que no continente africano vivia um pássaro tão grande, o Roca, que carregava um elefante no bico.

O imaginário popular, elaborado a partir da Idade Média ajudou a criar um quadro de horror: serpentes e ogros esperavam os estrangeiros; os habitantes tiveram suas peles escurecidas por vingança de Deus; ali estava a mão do demônio pronta para agarrar os cristãos.

Tais distorções e falsidades, juntamente com outras que citaremos mais à frente, ajudaram a fixar noções desgastadas da identidade “negra” relacionada a “aptidões naturais” como: lúdico, esporte, música, dança, mas nunca referida a atividades relacionadas à atividade intelectual, científica, econômica, ou técnica.

Desse modo, a criança negra, afro-descendente, tende a não identificar nessas áreas a possibilidade de atuação profissional, reproduzindo a imagem excludente que recebe, na versão mal contada da História Universal.

Nessa visão simplista, a situação da África na época do “descobrimento” nunca é mostrada: seu alto nível de desenvolvimento político, social, econômico, as tecnologias de mineração e metalurgia, arquitetura, a domesticação dos animais, a agricultura irrigada; muito menos ainda os conhecimentos de medicina, matemática, astronomia, engenharia, e tampouco a existência de Reinos e Civilizações que floresciam antes das invasões dos europeus.

Podemos afirmar ainda que essas antigas civilizações conheciam formas complexas de matemática que simulavam algumas das funções exercidas pelos computadores atuais.

Kalenga (1989) apresenta, em sua pesquisa de doutorado defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, dados sobre a existência de verdadeiros sistemas cibernéticos no Livro do destino – obra de predição dos egípcios, datado de 6.000 a.C. - e no jogo Kissolo – jogo de cálculo africano.

Em sua tese, Kalenga explica a existência de aplicação binária, com

a representação dos dígitos 1 e 0, respectivamente por X e ; e também da geometria, as figuras geométricas planas e espaciais encontradas nas pirâmides, na astronomia e nos princípios da eletricidade.

Esse pesquisador cita ainda Diop que apresentou essas confirmações num Simpósio da UNESCO, realizado no Cairo, em 1974, sobre a paternidade da riqueza científica deixada pelos egípcios, tendo ampla aceitação pela comunidade científica internacional.

GRANDES REINOS AFRICANOS ANTES DAS INVASÕES EUROPÉIAS

Assim, vamos agora conhecer um pouco dessa África desconhecida pela maioria de nós.

A tradição oral, a lingüística e a arqueologia provam, hoje, que o continente africano não era um vazio, ali existiram sociedades e culturas, ali se encontram raízes ancestrais dos brasileiros. O escritor Jorge Amado afirmava: nosso cordão umbilical nos liga à África...

Séculos antes dos europeus chegarem, na África existiam grandes reinos. Isso sem falar do Egito, que a ideologia etnocêntrica³ européia classifica como “cultura mediterrânea”... assim é visto nas exposições de museus em todo o mundo. Os filmes de Hollywood desinformam e popularizam uma Cleópatra branca, de olhos verdes.

O Egito, existente desde 6000 a.C., fica na África, os faraós eram africanos com traços negróides. Como continuar afirmando que os africanos são primitivos, incultos, bárbaros, sem civilização, sem fé, sem rei, sem lei?

De acordo com a localização no mapa da África, junto às bacias hidrográficas formaram-se sociedades e culturas como as do rio Nilo, rio Níger, rio Congo, rio Zambeze. Havia rotas comerciais com ciclos de longa distância, a arqueologia descobriu vestígios de rotas transaarianas, tornando visível uma rede de conexões do interior do continente com as zonas litorâneas e daí para outros espaços geográficos.

Podemos também recorrer à Bíblia, livro sagrado dos cristãos para argumentar sobre a existência de Reinos e desenvolvimento no continente.

Vejamos: quando José e Maria fogem da perseguição de Herodes vão para o Egito levando o menino Jesus (relembrando: o Egito fica na África).

Outra referência: depois do nascimento de Jesus, ocorreu a visita dos três Reis Magos: Belchior, Gaspar e Baltazar, este último, um rei negro, trazendo uma rica oferenda para o menino Jesus.

Quais seriam então alguns desses Reinos? Vejamos pois:

Ghana (700-1200)

Ghana, o país do ouro, era nome dado pelos árabes; o nome africano era Ouagadou, terra dos soninka, entre o Senegal e o rio Niger.

Tunka Manin foi um rei bastante conhecido que chegou a possuir, segundo um historiador de Tombuctu, mais de 1.000 cavalos, para uso pessoal, com cabresto de tapeçaria de seda e três tratadores para cada um deles. O seu exército era constituído por 200 mil homens, sendo 40 mil arqueiros – número superior ao do exército do duque Guilherme da Normandia que, quando invadiu a Inglaterra, três anos depois da coroação de Tunka Manin, tinha apenas 4 mil homens (ano de 1067).

O rei Tunka era muito respeitado e sua corte cenário de grandes cerimônias. O historiador Al-Bakri, de Córdoba, assim descreve, em seu Livro dos caminhos e dos reinos:

Quando o Rei dá audiência ao povo, para ouvir suas queixas e lhes fazer pessoalmente a justiça, senta-se debaixo de um pátio à volta do qual se sentam dez serviçais segurando escudos e espadas de ouro.

À sua mão direita, ficam os príncipes do Império, esplendidamente vestidos e ornamentados de ouro nos cabelos; o governador da cidade fica sentado no chão, em frente ao Rei, e à sua volta os ministros na mesma posição.

O portão para sua câmara é guardado por cães de excelente raça que nunca se afastam do Rei; trazem coleiras de ouro e prata com ornamentos desses metais.

O início da audiência real é anunciado pelo toque de um enorme tambor, feito de tronco de madeira oco, e o povo se junta quando ouve o som (citação de Nascimento 1996).

Sem dúvida, no século X, o Rei de Ghana, segundo Ibn Hawkal, era o soberano mais rico da terra, pois tinha o monopólio das pepitas descobertas em suas terras; o comércio era feito através de caravanas e o minério levado para o norte do continente e de lá para o resto do mundo.

Mali (1250 – 1500 aproximadamente)



Outro grande Império foi o do Mali, que se expandiu depois de 1250 e foi um dos maiores Estados de qualquer parte do mundo daquela época, (século XIII, o que havia na Europa?). Entre os anos de 1230 e 1255 reinou Sundiata Keita que, segundo a tradição oral, fundou o Império do Mali, uma espécie de Confederação de grupos étnicos com a predominância dos mandingas.

O livro Sundiata ou a epopéia mandinga, do escritor senegalês, Djibril Niane, relata a saga desse herói civilizador. A capital era a cidade de Nianni, situada às margens do rio Sankarani, perto da floresta onde existia noz de cola, azeite-de-dendê, além de minas de outros minérios. Em 1968 foram feitos trabalhos arqueológicos nessa região, identificando os traçados da cidade; as casas construídas com camadas de argila, em forma de cúpula.

Mansa Mussa, outro rei importante, subiu ao trono em 1312 e ficou até 1337, tornou conhecido o grupo mandinga, ao qual pertencia. Os mandingas do Mali são conhecidos, até hoje, pelo seu poder, força e por inspirar medo a todos (em português até hoje o termo mandinga é usado com sentido pejorativo, mandingueiro é sinônimo de feiticeiro).

O Rei Mussa peregrinou até Meca, em 1325, com um séqüito de 60.000 carregadores e 500 servidores com vestimentas recobertas de ouro. Recebeu as honras devidas a um grande sultão, é um dos raros soberanos de quem temos uma descrição física:

Era um jovem de tez morena, fisionomia agradável, instruído no rito maliquita; exibia-se magnificamente vestido e montado, acompanhado de 10 mil súditos, levava presentes que maravilhavam o olhar, por sua beleza e esplendor. Quando está a cavalo fazem pairar sobre sua cabeça os estandartes reais, enormes bandeiras, em amarelo com fundo vermelho.

Ao chegar ao Cairo, o valor do dinar, moeda local, sofreu depreciação devido à presença do rei do Mali, que levava 80 volumes de ouro em pó, cada um dos quais pesando 3,8 quilos.

Impressionado com o esplendor do Cairo (Capital do Egito), levou consigo, quando voltou à sua terra, um arquiteto que construiu uma grande mesquita em Gao, da qual só restam ruínas.

Esse Rei, Mussa foi um grande mecenas, ou seja, protetor e patrocinador de todas as artes; ele foi responsável pelo surgimento de uma literatura africana, de expressão árabe, que deu frutos nos séculos XIV e XVI, em Tombuctu e Jenne (Djenne).

A cidade de Tombuctu ficou conhecida como grande centro de estudos árabes, para ali afluíam eruditos de terras distantes como Egito e Marrocos, que ensinavam em Escolas semelhantes às de Oxford e Paris (ainda no início de suas atividades).

Os registros apontam para a existência de 180 Escolas Corânicas – locais aonde se ensinava o Islamismo – nas quais também se estudava história, matemática, álgebra, astronomia, direito, lógica, gramática, geografia, filosofia; sua biblioteca ficou famosa como depositária do conhecimento árabe na África.

O sábio egípcio Uthman el-Dukkali, que viveu 35 anos no Mali, dizia que o país media de comprimento quatro meses de viagem e de largura outros quatro meses; abrange cerca de 400 cidades e sua terra é extremamente rica. Pode-se admitir que, nessa época, sua população atingisse de 40 a 50 milhões de habitantes. A capital Nianni abrigava 100 mil pessoas.

A Europa só tomou conhecimento desses fatos com a publicação, na Itália, do livro História e descrição da África escrito por Leão, o Africano, cidadão de Granada cujo verdadeiro nome era Hassan Ibn Muhammad; ele revelou aos europeus a visão de um mundo africano do qual eles quase nada sabiam.

Império de Songhai (XIII ao XVI, provavelmente)

O Império de Songhai (como os soninka, de Ghana, e os mandinga, do Mali) se dedicava ao comércio longínquo, com rotas transaarianas, ligando-se com a região norte do continente; foi centro comercial fundado, provavelmente, no ano 700 e atingiu, pelo comércio, outros centros comerciais como Jenne e Tombuctu. Embora a religião oficial fosse o islamismo, predominava a religiosidade tradicional, ligada ao culto dos ancestrais.

A estruturação do poder era centralizada com centralização do poder real, com aparelho de Estado organizado, preservando a liberdade e o direito dos súditos.

O Império de Songhai só foi destruído em 1550, por invasões de inimigos do norte da África que utilizavam armas de fogo; os songhanianos, que só possuíam dardos, arcos e flechas, foram dominados pelos invasores.

Congo

Mais ao sul, estava o reino do Congo, que existiu de 1100 a 1500;. O poder era sagrado, mas não a pessoa do rei, denominado Nzambi Mbungu, que era escolhido por uma assembléia composta pelos líderes dos vários clãs. O rei possuía trono de madeira entalhada em marfim; como símbolo de sua autoridade usava um chicote, um espanta mosca feito com rabo de zebra, um barrete na cabeça e portava peles de filhotes de animais. O rei distribuía justiça e recebia homenagens sentado debaixo de uma grande árvore, em praça pública; ao se aproximarem dele, os súditos deviam colocar-se de bruços no chão.

Não possuíam escrita, mas sabiam forjar o cobre e eram conhecedores, portanto, de sofisticada técnica de metalurgia que permitia fazer jóias, esculturas, peças de adorno e armas; teciam panos com fibras de ráfia; usavam como moeda de troca, o caurí – concha de búzio – proveniente de uma ilha sob controle real, isso significava que o rei controlava a oferta de moeda.

Congo ficou conhecido na Europa, somente em 1482, quando lá aportou o navegador português Diogo Cão. O reino, uma espécie de federação imperial, reunia cerca de três milhões de pessoas em aproximadamente 800 km quadrados, compreendendo territórios de diversos países da atualidade. A capital era denominada Mbanza Kongo e ficava no alto de uma colina, distante cerca de dez dias de caminhada da costa, atualmente estaria do lado angolano da fronteira.

O reino conheceu longo período de desenvolvimento comercial, com trocas incluindo cerâmicas, ferramentas em ferro, sal marinho e também bens de prestígio, como jóias, marfim, esteiras, cestos, tecidos. Uma gravura de época mostra uma delegação holandesa visitando o reino do Congo, os portugueses e espanhóis já haviam chegado: o rei usa botas europeias, uma cruz num pingente de ouro e está sentado debaixo de um enorme candelabro importado. A inscrição o denomina como “Rei Dom Álvaro”.

Os portugueses, quando lá chegaram, encontraram uma forma africana de escravidão, por dívidas ou derrotas em guerras; contudo, era permitido o casamento entre livres e cativos; depois de duas gerações os escravizados obtinham liberdade.

Entretanto, o fato de já existir na África, o comércio de seres humanos foi uma catástrofe para o continente. Quando os mercadores europeus apareceram querendo comprar contingentes de pessoas escravizadas, encontraram chefes dispostos a vendê-los.

Em 1500, uma expedição portuguesa comandada por Pedro Álvares Cabral desvia-se de sua rota, toma posse em nome do rei de Portugal das terras que lhe cabiam pelo Tratado de Tordesilhas e inicia o lucrativo comércio negreiro que somente será proibido, por pressão da Inglaterra, em 1850.

Ao longo desses 350 anos, milhões de africanos foram arrancados de suas aldeias e trazidos para Brasil, Caribe, Antilhas, América do Norte.

Vejam como a chegada dos portugueses foi contada por Mukunzo Kio-ko, um historiador oral, um griot⁴ do povo pende:

Nossos pais viviam com conforto, tinham gado e plantações; tinham frutos e peixes; de repente, viram um grande barco subindo o grande oceano. Esse barco tinha asas brancas, cintilantes como facas.

Homens brancos saíram das águas e falavam palavras que ninguém compreendia; nossos ancestrais se assustaram; disseram que eram vumbis, espíritos que voltam do reino dos mortos.

Então espantaram todos de volta para o oceano, com saraivada de flechas. Mas os vumbis cuspiram fogo com ruídos de trovão; muitos morreram e nossos ancestrais fugiram. Os chefes e os curandeiros disseram que aqueles vumbis eram os antigos donos da terra.

Daquela época até hoje, os brancos não nos trouxeram nada além de guerras e tristezas (citado por Nascimento 1996).

Outro reino foi o de Monomotapa, outra referência devido à existência de grandes muralhas construídas no período entre 900 e 1600; essas construções tinham cinco metros de altura e dois de largura sem nada para ligar as pedras que eram sobrepostas umas às outras de forma circular; achados arqueológicos indicam que dentro das muralhas existiam casas, bem como indícios da existência de porcelana, ouro, prata, marfim, metal, sal, dentre outros produtos.

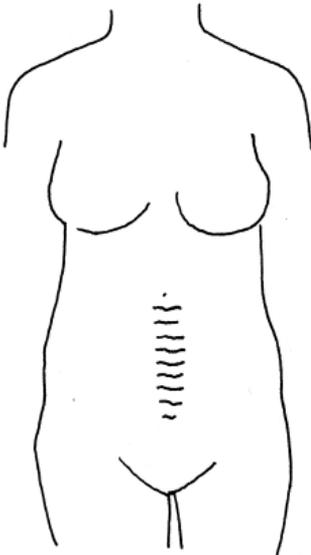
Entre esses povos e reinos havia intenso comércio, feito a pé, em muares, em camelo, mantendo o contato entre todas as sociedades existentes, através de rotas fluviais e terrestres, colocando por terra a idéia de que viviam em isolamento.

CONHECIMENTOS MILENARES

Elisa Nascimento, mostra em seu livro *Sankofa*, (1996) a ilustração de uma cesariana descrita por um médico inglês que esteve na África em 1879 e publicou artigo sobre o assunto; esse desenho comprova que os africanos dessa região africana tinham sim, conhecimento científico, conceitos e técnicas que envolvem cirurgias, anestesia, cauterização, dentre outras.

Ainda no campo da medicina, sabemos que no antigo Egito e no Mali era conhecida a técnica de remoção de catarata ocular através de cirurgia. Há referências a um clínico egípcio Imhotep que, há três mil anos antes de Cristo, que conhecia vacinação e farmacologia.

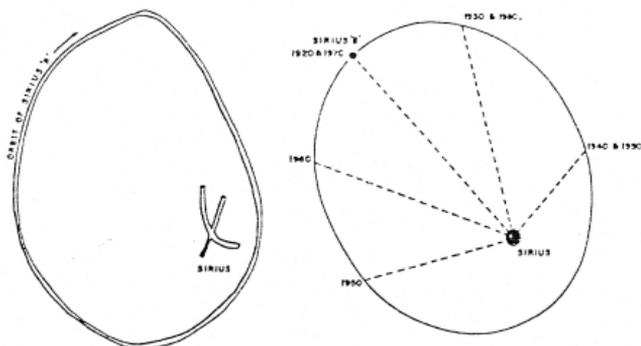
Para ilustrar com um outro exemplo, podemos citar na área da astronomia; em 1978 uma equipe da Universidade Estadual de Michigan, dos EUA, encontrou no Quênia, perto do Lago Turkana, ruínas de um observatório astronômico que no primeiro milênio a.C., na África Oriental, foi desenvolvido um sistema de calendário complexo e preciso, apoiado em cálculos astronômicos.



Outro fato a ser lembrado refere-se ao conhecimento dos dogon do Mali, nessa área; os dogon, vivendo perto de Timbuktu, antiga capital universitária do reino do Mali, conheciam o sistema solar, a Via Láctea com sua estrutura espiralada, as luas de Júpiter e até mesmo os anéis de Saturno.

No livro *SANKOFA* (Nascimento, 1996) há um desenho na areia feito pelos dogon, mostrando a órbita de Sino B em torno de Sírio.

Temos ainda dados referentes à



metalurgia: os haya, habitantes de uma região na Tanzânia, perto do Lago Vitória, há mais de dois mil anos, produziam aço em fornos que atingiam temperaturas muito elevadas, atingindo 200 a 400 graus, os fornos europeus só conseguiram tais temperaturas somente no século XIX.

No campo de conhecimento ligado à engenharia, podemos lembrar as ruínas de Monomatapa, cidade-estado, localizada no antigo reino de Zimbábue; a construção dessa capital pode ser considerada como verdadeira façanha de engenharia.

Na matemática, as referências são várias: desde as pirâmides egípcias, cujas construções exigiram conhecimento de matemática, geometria, engenharia, capaz de projetar ângulos com $0,07^\circ$; isso há dois mil e setecentos anos antes de Cristo!

Os iorubas também desenvolveram sistema de matemática baseado em múltiplos de vinte.

Existe um jogo difundido por todo continente africano que por sua base binária, que antecipa o modelo responsável pelo desenvolvimento da computação.

Esse jogo africano exige alto grau de abstração, denominado de Awoaley é um jogo de mesa muito popular em muitas sociedades tradicionais, sendo jogado em todo o continente e em partes da Ásia, especialmente na Indonésia.

Entre o povo Ashanti, em Ghana é chamado de Aure. Os senegaleses dizem Woli, os Malens dizem Wole. Para os Dan, na parte oeste da Costa do Marfim é Mahn Gohn; os Baule no centro chamam de Ale. Os Abbey, Abure, Avikam, no sul do continente, dizem Awoaley. O último nome é mais usado no continente.

Awoaley tem várias formas: com seis buracos ou com 12 como aqueles usados na Costa do Marfim.

Conta uma lenda que um rei foi excelente jogador, e, ficou tão cativado pelo seu jogo que não ouviu quando disseram que seu reino estava a ponto de ser atacado por inimigos. Awoaley é também um bom exercício para o cérebro. O jogador deve prestar atenção ao jogo do oponente para evitar a captura de suas peças. Awoaley requer a capacidade para definir quantidade e pendor para planejar movimentos evasivos. (*Veja as regras desse jogo no anexo 2*).

Apesar de todos esses exemplos que demos, muitos foram os fatores que contribuíram para a manutenção da imagem da África como sendo um continente de bárbaros e selvagens; a África sempre associada a fatores negativos. Vamos enumerar alguns deles:

- A destruição dos centros civilizatórios onde esse desenvolvimento ocorria;
- O roubo puro e simples dos bens culturais;



- Os incêndios e saques, como por exemplo, a biblioteca de Alexandria;

- O tipo de material em que eram feitos os registros eram por demais perecíveis como o papiro;

- O fascínio dos pesquisadores pelo exótico; os estudos feitos eram sempre estáticos, numa visão única, fixando e cristalizando o grupo estudado como se vivesse numa situação perene;

- A História Africana escrita, tendo por base documentos fora de seu território; a partir de Ibn Kaldun as referências passam a ser somente as fontes escritas,

deixando de lado outros recursos, como por exemplo a tradição oral;

· Falta de fontes escritas, o que constitui um problema para a historiografia africana.

Todos esses fatores resultam em distorções, em falsidades, que, por serem constantemente repetidas, passam a ser consideradas como verdades absolutas. A partir da década de oitenta, do século XX, é que se começou a escrever uma revisão dessa história, com as obras dos pesquisadores africanos citados por Ki-Zerbo (1980): Anta Diop, Obenga, Sertima, Vansina.

Diop, citado por Kalenga (1989) defendida suas idéias baseadas em dois princípios: anterioridade temporal dos negro africanos sobre todos os demais povos do mundo, e, a civilização egípcia, obra dos faraós e seus súditos ser negro africana.

No Brasil, em 1980, foi publicada uma tradução da História Geral da África, com apoio da UNESCO, contendo os excelentes escritos desses autores.

FILOSOFIA BANTU

Para compreender melhor as sociedades e culturas africanas, precisamos nos debruçar sobre sua filosofia, para entendermos suas explicações de mundo.

E o autor europeu, Placide Tempels, (1949), pode nos auxiliar pois nos dá os elementos básicos da filosofia dos povos de língua bantu; diz ele que os conceitos fundamentais se referem sempre à raiz ntu que expressa a “força-ser”, a energia cósmica presente em todas as suas formas reveladoras, constituintes do mundo visível e invisível, do material e do imaterial, do existente e do pré-existente (em língua ioruba, essa força é denominada de AXÉ).

Explica em seu livro que, para os Bantu, o mundo é constituído de energia, de força em constante movimento e alteração, do mesmo modo que hoje, a física explica o mundo físico. E, essas forças vitais são encontradas no mundo sob quatro formas:

A primeira, Muntu, se refere ao homem, cujo plural é bantu (homens), os seres humanos, compreendendo tanto os vivos quanto os mortos, a força dotada de inteligência, capaz de manipular a “força-ser”;

A segunda categoria, Kintu, que compreende as forças que não podem

atuar por si mesmas e que se fazem ativas pela atuação de um Muntu. A esta categoria pertencem as plantas, os animais, as ferramentas, os utensílios e os minerais, tudo o que existe na natureza;

A terceira categoria, Hantu, é a força que situa, no espaço e no tempo, todos os acontecimentos, tudo o que seja movimento. Assim, no pensamento africano, lugar e tempo se confundem. À pergunta: onde? É possível responder: sob o reinado do rei. À primeira vista, isso pode nos parecer absurdo, mas quando olhamos um relógio estamos vendo o tempo num lugar;

A quarta categoria, Kuntu, é a força modal, um modo de ser, uma modalidade valorativa: a beleza, a alegria, o prazer, a felicidade, a apreciação, a fruição estética.

Entendendo essa explicação, é possível compreender porque os africanos não separam o sagrado do profano, uma vez que tudo provém da força vital, criadora de tudo e de todos. Cada momento da vida é sagrado e deve ser celebrado, existem rituais para tudo na vida do ser humano.

Além dessa concepção filosófica, também devemos conhecer os seus valores civilizatórios⁵, ou seja, quais os princípios norteadores das organizações sociais: noção de pessoa, noção de força vital, noção de palavra, processo de socialização, morte, família, produção, poder (Leite 1994-1996).

Como escrevemos anteriormente, é preciso saber que todas as sociedades e culturas africanas, apesar da diversidade, têm em comum a noção de força-vital (axé, em iorubá e ntu em bantu); trata-se de um ser força ou força-ser, energia vital que está em tudo e em todos, seres animados e inanimados, individualização da vitalidade universal; cada sociedade define o seu pré-existente estabelecendo assim a origem sacralizada das relações dos homens entre si e com a natureza.

Como decorrência desse princípio básico, temos: a palavra, o sopro ou fluido vital que contém energia, desencadeia ações, transmite conhecimentos, socializa, orienta, ordena, nomeia, convence.

A palavra está ligada à tradição oral; uma vez que muitas das sociedades africanas continuam sendo sociedades ágrafas, ou seja, sem escrita, a oralidade ganha dimensão de enorme importância, pois é através desse recurso que a comunidade acumula e transmite o saber, e se sustenta.

Outro valor central é a pessoa (ser humano) entendido como síntese de alguns elementos vitais em interação permanente, constituindo o corpo e a espiritualidade; o corpo (complexo externo) a espiritualidade (existência interna) considerada como muito poderosa pois é capaz de manipular a força vital; capaz de aumentá-la, diminuí-la, distribuí-la.

Existe ainda a noção de socialização, caráter comunitário da existência, formação da personalidade que é tarefa comunitária; a educação se dá a partir de grupos por faixas etárias, grupos de idade; o conhecimento sendo transmitido a partir de rituais iniciáticos – ritos de passagem, ritos de permanência – todos têm acesso, no tempo devido, a todos os conhecimentos do grupo.

E, a noção de morte, fator de desequilíbrio, dissolução da união vital; a superação da morte se dá através de rituais pelos quais, o homem/mulher se transforma em ancestral. A existência da força vital continua mesmo após a morte do corpo, assim, a existência não termina com a morte; uma família é, pois, constituída de vivos e mortos; portanto devemos sempre lembrar e cultivar os que já se foram, nossos antepassados. Nessas sociedades, o culto aos ancestrais é muito importante.

No que se refere à noção de família, no caso africano é sempre a família extensa, sendo formada por pai, mãe, filhos, primos, sobrinhos, tios, avós, sendo matrilinear ou patrelinear. Há sempre agregados, um afilhado, um primo ou sobrinho que chega, um hóspede que sempre é bem recebido.

E, ainda a noção de produção, ligada à terra, principal recurso para a obtenção da sobrevivência, sacralizada por ser doação do pré-existente; os seres humanos podem usá-la, tem direitos e deveres para a demarcação do seu uso, não de sua posse.

Os ancestrais fundadores dos grupos, das familiares, estabeleceram os pactos com a terra, as alianças, obedecendo a ritos de devolução, respeitando a terra; se olharmos o tamanho dos cabos das enxadas e enxós, vemos que são bem pequenos, o agricultor para perfurar a terra tem que se curvar; a produção de bens é suficiente, não existindo a lógica do acúmulo da produção de excedente para o lucro, ou da exploração do homem pelo homem.

Desses princípios surge a noção de poder: nas sociedades sem Estado, ou seja, sociedades que não possuem autoridade centralizada, o poder se relaciona às unidades de produção (cultivo da terra ou criação de animais).

Nas sociedades com Estado, o poder real está centralizado num clã ou agregado de uma família; mas, em ambos os casos há conselhos de família e comunidade, formados pelos mais velhos, aqueles que estão mais próximos aos ancestrais.

O que chamamos de africanidade diz respeito a esses valores civilizatórios encontrados em sociedades diferenciadas existentes por toda a região sub-saareana; apesar da diversidade que caracteriza o continente africano, existem muitas e muitas semelhanças e paralelismo; são os valores comuns às sociedades e culturas.

Esses valores nos dão a dimensão do distanciamento da lógica desses povos e as do chamado de mundo ocidental, orientado pelo acúmulo, pelo desperdício, pela desigualdade, pela exploração.

Num esquema comparativo do mundo ocidental e do mundo africano – não ocidental, poderíamos ter o seguinte quadro:

Lógica do mundo ocidental	Lógica do mundo africano
universo regido por leis estáveis	universo regido por forças,
progresso, evolução,	tempo circular, ciclos, espirais,
tecnologias, máquinas,	fenômenos naturais,
tempo medido por mecanismos sócio/históricos,	tempo calculado pelos ciclos naturais (lua, chuva, mares),
lógica centrada na economia,	lógica centrada no ser humano,
força do mercado,	força vital,
estruturas estruturadas,	estruturas estruturantes,
noção de morte como fim	noção de morte como fim em si, noção de morte como passagem,
ser humano dependente das forças sociais.	ser humano manipulador das forças vitais.

ARTES TRADICIONAIS NEGRO – AFRICANAS

Para complementar nossos argumentos sobre o nível de desenvolvimento e de competência existente no continente africano, por ocasião das “descobertas”, podemos utilizar dados referentes à produção artística ali encontrada.

Nessas sociedades a arte aparece como uma linguagem, um veículo de comunicação, representando importante papel na difusão de valores civilizatórios que se manifestam através do canto, dança música, pintura, escultura, etc... Utilizando harmonias e discordâncias de formas, de expressões e de sons para transmitir emoções captáveis pelos sentidos.

Balogun (1980), ao tratar da forma e expressão nas Artes Africanas, escreve sobre a necessidade de se rejeitar o referencial desenvolvido no ocidente para o estudo da produção artística do continente africano.

Muitas das manifestações expressas naquilo que os ocidentais chamam de “arte”, ao serem analisadas foram isoladas do todo social para que os especialistas pudessem responder às questões: para que servem? O que pretendem? As respostas dadas às peças africanas, atribuíam aos objetos, funções unicamente religiosas ou utilitárias.

Os estudiosos europeus quase sempre definiram a Arte Africana como “ritual” ou “religiosa”. Até o final do século XVIII essa produção esteve totalmente excluída da História da Arte Ocidental é somente a partir do século XIX é que a Europa começou a reconhecer como “objetos de arte” a produção artística africana.

ENCONTRO DA ARTE AFRICANA PELA EUROPA

Durante todo o período posterior aos “descobrimentos”, muitas peças foram retiradas da África e levadas para a Europa, muitas coleções foram formadas; muitos artistas se interessaram por essa produção.

Sabe-se, por exemplo, que Braque, Picasso e Vlaminck – ignorando tudo sobre as esculturas africanas – captaram as significações formais expressivas; esses artistas europeus viram nas formas estilísticas do escultor africano, um esforço para representar formas naturais de modo abstrato, sugerindo e não reproduzindo a realidade.

O artista africano como os demais membros de sua comunidade dão a mesma significação às formas abstratas que são conhecidas por todos; o escultor africano sabe captar a essência daquilo que quer exprimir como, por exemplo, o ancestral, o herói fundador, a maternidade, a fertilidade. O africano não copia a natureza, mas vai a ela para buscar inspiração e isso o leva a criar formas inteiramente novas.

Hoje sabemos que a Arte Africana influenciou no surgimento da Arte Moderna na Europa Ocidental. Os objetos da produção estética africana sugerem formas imateriais e não cópias de elementos da natureza – nessas obras, forma e conteúdo estão intimamente ligados.

A motivação para criar formas – por prazer, pelo gozo de contemplá-las, desafiando o ser humano a dominar a matéria – representou uma atividade fundamental desde a pré-história. A Arte Rupestre⁶, feita em cavernas, é uma comprovação desse fato. E, no continente africano existem vários locais onde se encontram a Arte Rupestre.

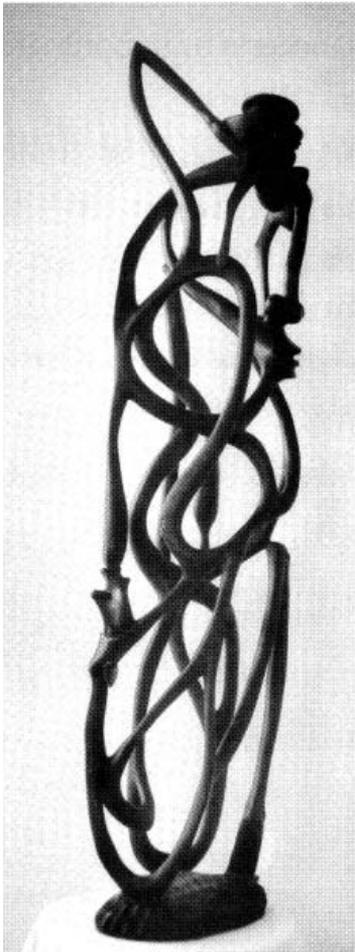


Figura Shetani Nilanga, 2002

Os primeiros estudos e referenciais sobre Arte no continente africano, reconhecendo nela um “estilo africano”, foram feitos por Leo Frobenius (1930), que reconhecia a existência de uma verdadeira “civilização africana”, contrapondo-se à visão europeia que, até então, afirmava ser a África um continente de negros bárbaros.

Os europeus só conheciam a África e os seus habitantes, sob o ângulo do comércio de escravizados sob a marca do regime colonial, e, seus conhecimentos históricos, antropológicos e etnológicos falseavam as perspectivas em favor de uma concepção eurocêntrica do mundo, elaborada na época da hegemonia europeia. E essa concepção foi introduzida nas colônias através dos sistemas educacionais instituídos pelos colonialistas em seus domínios.

Nos primeiros anos do século XX, muitos artistas europeus “descobriram” a produção estética africana em exposições de museus ou em vitrines de marchands em Paris e Londres. Máscaras da Costa do Marfim, esta-

tuetas do Benin (ex-Dahomei), figuras esculpidas em marfim despertam o interesse de artistas já citados, Maurice Vlaminck, Matisse, Braque, Picasso, Derain.

As características formais da escultura africana – desproporcionalidade, exagero de uma ou outra parte, frontalidade, verticalidade, assimetria, estilização, abstração e repetição acentuada das formas – conduzia a formas pesadas, maciças; o observador ocidental procurou captar o arranjo dos volumes. A visualização das formas não tendia para um arranjo de superfície, como na escultura européia-ocidental daquele período.

O encontro da arte européia com a africana é um ponto de intersecção na História da Arte, bastante negligenciado pelos pesquisadores e mereceria um estudo mais atento. Isso contribuiria para o melhor conhecimento de ambas, uma vez que, na bibliografia existente sobre o assunto, a Arte Negra é considerada pelos especialistas como primitiva e inferior, sendo incluída em pesquisas etnográficas dentro do item cultura material e exposta em museus de Antropologia e/ou Etnologia.

Mesmo o inegável valor dos exemplares de obras fundidas em bronze, encontradas em Benin e levadas à Europa, após uma expedição primitiva inglesa, em 1897 que levou para dessa região cerca de 2.000 peças – existem fotos dos ingleses ostentando o “triufo” após o saque – suscitaram debates entre os especialistas.

Muitas hipóteses e suposições foram levantadas. Provavelmente, afirmavam alguns, a técnica teria sido levada aos africanos pelos portugueses – só que nesta época a Europa desconhecia esta técnica... Então, talvez, essa arte teria vindo da Índia, trazida pelos árabes, teria raízes etruscas, gregas... Tudo menos reconhecer que os próprios africanos a teriam desenvolvido.

Os achados de Ifé e de Nok, civilizações que floresceram muitos séculos antes da chegada dos europeus, comprovam a grandeza e originalidade da produção artística africana, do alto nível cultural e civilizatório desses povos.

Existem ainda lacunas nos estudos sobre o continente africano, uma vez que a maior parte das sociedades são ágrafas, ou seja; com a ausência de documentação escrita dificultando ainda mais o conhecimento sobre as mesmas. Contudo, os trabalhos recentes mostram que: antes pois do comércio europeu de escravos, existia uma Arte altamente singular, com nível técnico perfeito, igualando, e mesmo superando, o que se produzia no mesmo período no continente europeu.

PRIMEIROS ESTUDOS SOBRE ARTE AFRICANA

A conceituação de “primitiva”, dada à arte africana, está diretamente ligada à idéia de que a inferioridade técnica de uma civilização implica numa incapacidade artística. Essa afirmação tem seu germe em Da Vinci, com sua hierarquia das Artes, harmonizada com o nível das civilizações que as produzem: a pintura seria, segundo Leonardo, a primeira das Artes. Os negros, limitando-se à escultura, seriam artistas inferiores. A descoberta posterior da arte rupestre contradiz essa teoria. As pinturas, que até hoje podem ser vistas nas paredes de cavernas, contrariam essa afirmação.

Nas primeiras décadas do século XIX, ocorreu um aumento no fluxo de obras africanas, que se acumularam em gabinetes e museus. Mesmo Leo Frobenius, (1930), um dos primeiros a escrever sobre Arte Negra, é acusado de ter levado milhares de peças com a finalidade de facilitar o estudo das mesmas. Nos primeiros anos do século XX, historiadores da Arte, etnólogos e especialistas em Estética se interessaram pela Arte Negra. Os expressionistas alemães do grupo Die Brücke, em seus catálogos, afirmam a necessidade da busca dos instintos, das causas viscerais das emoções e substituem os rostos humanos por máscaras africanas.

Nessas décadas emerge, na Europa, um novo público comprador e a produção artística passa a ser submetida às leis gerais da economia: a oferta e a procura. Os salões e as exposições de arte buscam equilibrar esses dois níveis. Mesmo antes de 1914, expande-se um “modismo”, tendo por núcleo o interesse pelas artes negras, pelo “exotismo” da produção artística africana.

Laude (1968), escrevendo sobre as artes da África Negra, cita as exposições que se organizam: em Marselha, no ano de 1923; em Paris, Galeria Pigalle, 1931; em Nova York, no Museu de Arte Moderna, 1935. Já em 1931, na exposição do Hotel Drouot, são citados especialistas em “artes primitivas”; as coleções de P. Eluard, de Breton e de Miró são vendidas nos primeiros leilões. A partir daí intensificaram-se os estudos, as pesquisas, mas até hoje, permanecem lacunas sobre o papel da Arte Negra no desenvolvimento da Arte europeia desse período.

Jaqueline Delange (1971), que dirigiu o setor de África do Museu do Homem em Paris, ao apresentar o Catálogo da exposição itinerante de artes africanas da UNESCO, propõe um critério para encontrar o que chama de as “Zonas estilísticas”.

ZONAS ESTILÍSTICAS

1. Regiões das savanas sudanesas

ESCULTURAS: bambara, senufo e dogon.

Bambara: as bonecas de fertilidade, as tyi-wara.

Dogon: as figuras antropomorfas dos ancestrais.

Senufo: bancos e assentos.

2. Costa e selva atlântica

BIJAGÓS: figuras de ancestrais, vaca-bruto, representação das categorias de idade, barcos, pinturas murais nas habitações.

MENDI: figuras de oferendas para as colheitas.

KISSI: estatuetas de pedra.

3. Golfo de Guiné

BAULÉ: escultura “negra”, protótipo do que ficou conhecido no ocidente.

AGNI: cerâmica, madeira: assentos e bancos sacralizados.

ASHANTI : máscaras em ouro, figuras ancestrais.

FON: bancos, tamboretas para os chefes.

IORUBAS: cabeças em bronze, pesos em ouro, peças em marfim.

4. Floresta ocidental – Congo, Angola, Gabão, Camerum

BAMUM: troncos cobertos de pérolas e conchas.

DUALA: canoas, cachimbos.

FANG: cabeças, bustos, figuras antropomorfas de ancestrais.

BAKOTA: recipientes para ritos funerários.

BAKUDA: figuras reais, cilindros de adivinhação, figuras em relevo.

5. Regiões sul e oriental

MACONDO: dois tipos de produção estética: shetani e a

Fonte: Arte Africana & Afro-Brasileira. São Paulo, Editora Terceira Margem, 2006, p.39.

A primeira seria encontrável nas regiões das savanas sudanesas, principalmente com esculturas: bambara (as bonecas de fertilidade, as tyi-wara) senufo (bancos, assentos, imagens “totêmicas”) dogon (figuras antropomorfas dos ancestrais).

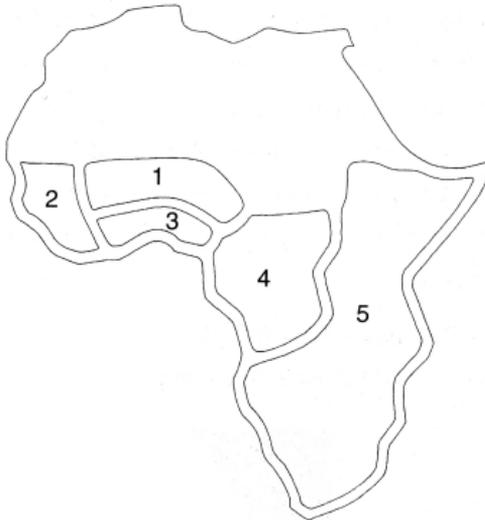
A segunda, a da costa e selva atlântica, com a produção dos bijagós, (figuras de ancestrais, vaca-bruto, representação das categorias de idade, barcos, pinturas murais nas habitações) mendí (figuras ligadas à fertilidade da terra) kissi (estatuetas de pedra).

A terceira seria a produção encontrável no Golfo de Guiné baulé, (escultura “negra” – protótipo dos fetiches noires – como era chamada na Europa). agni (cerâmica, assentos e bancos sacralizados) ashanti : (máscaras em ouro, figuras ancestrais) fon (bancos, bastões de distinção, tamboretas para os chefes) iorubás (cabeças em bronze, pesos em ouro, peças em marfim).

A quarta localizada na floresta ocidental – Congo, Angola, Gabão, Camerum, entre os grupos: bamum (tronos cobertos de pérolas e conchas) duala (canoas, cachimbos) fang (cabeças, bustos, figuras antropomorfas de ancestrais) bakota (objetos para rituais funerários) bakuda (figuras reais, cilindros de adivinhação, peças em relevo).

A quinta zona localizada nas Regiões sul e oriental, destacando-se os maconde (objetos concretizando as figuras míticas do universo cultural: shetani máscaras, bustos e figuras em corpo inteiro, esculturas; e as ujamaa - “árvore da vida”, genealogias da comunidade).

Essa classificação, baseada em categorias estilísticas, dá um indício da diversidade dessa produção que, nas primeiras décadas do século XX, foi rotulada grosseiramente como “Arte Negra”: eram produções que nada tinham em comum, a não ser, talvez, o fato de não serem em nada semelhantes àquilo que os pesquisadores estavam habituados.



Outros autores, como Fagg (1973), dividiram em três áreas principais – o Sudão, a Costa da Guiné e o Congo – afirmando ser a arte do Sudão mais abstrata, com maior

quietude, interiorização e intensidade; a do Congo era uma arte mais extrovertida, decorada com mais exagero; a da Costa da Guiné permaneceria num ponto intermediário, estilisticamente entre as duas citadas.

Segundo Cunha, (1983), tudo leva a crer que a arte sudanesa, através do grupo iorubá, teria influenciado em maior grau as plásticas brasileiras, mas ressalva que faltam estudos sobre os povos bantu, que também “trouxeram imensa contribuição cultural que só agora começa a ser posta em realce”.

Em seu livro *Neolítico⁷: Arte Moderna*, Ana Claudia de Oliveira (1971) oferece um quadro sobre as publicações de obras com objetos africanos e da Oceania, que só surgiram a partir de 1916; aponta ainda para a grande importância dos museus etnográficos, salientando alguns ângulos de suas salas. A coleção do Museu de Berlim, sob a direção de Adolf Bastian, foi quase toda formada pela contribuição dos exploradores e muitas doações; ele foi, juntamente com Peschuel-Loesch e Gussfeldt, um dos fundadores da Sociedade Alemã de Exploração da África Equatorial, região em que adquiriram a vasta coleção de peças. O Museu do Trocadero possui um dos acervos que mais intensamente propiciou o contato dos artistas europeus com essa arte.

Em junho de 2006, é inaugurado em Paris o Museu do Quai Branly reunindo o que existia no acervo do Louvre e de outros museus franceses, além da produção africana, também as da Ásia e Oceania, totalizando cerca de 3.500 obras denominadas pela curadoria do mesmo como sendo “artes primeiras”.

Os primeiros estudos europeus apontados anteriormente, não visavam apreender a produção estética, mas penetrar, através dela, no universo cultural da chamada “produção material” para melhor dominar os povos colonizados.

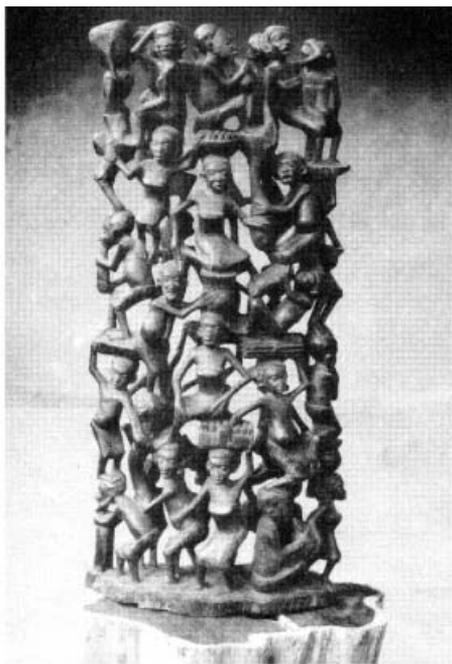


Figura Ujamaa, 2001

Em anos mais recentes, os achados arqueológicos comprovam a dinâmica de culturas e civilizações que apresentavam elevado grau de domínio formal e técnico. Isso em períodos históricos em que a Europa ainda não dominava tais processos. É o caso dos bronzes do Benin, obtidos através da cera fundida. Centenas dessas peças fazem parte, hoje, dos preciosos acervos dos Museus de Arte Africana, existentes na Europa e Estados Unidos.

Talvez devêssemos, mais uma vez, lembrar que foi no continente africano que surgiu o Homo Sapiens há aproximadamente 160 mil anos; as primeiras populações humanas eram, portanto negróides.

E de lá, surgiu, também a música que está presente, com seu ritmo, em praticamente todo o mundo; em Bantu a palavra que designa música é a mesma para designar dança, por isso o intérprete não deve apenas emitir ou produzir sons, mas movimentar coordenadamente cabeça, ombros e pernas; o especialista em músicas étnicas Kubrik em seu livro Música e dança na África ao sul do Saara escreve: “a musica é assim a totalidade da organização cinética e é esse um dos motivos pelo qual a música africana não recorre à escrita tradicional, em contraste com a música ocidental” (citado por Kazadi, 2006); e separação entre dança/música como expressões artísticas distintas ocorre no mundo europeu e não no mundo africano.

Concluimos com a afirmação do embaixador Alberto da Costa e Silva (2006) sobre a história da África, ela é importante para nós, brasileiros, porque ajuda a explicar-nos, sendo fundamental por seu próprio valor, e, porque desse continente foram transplantados para cá quase a metade de nossos antepassados, e, hoje o Brasil possui a maior população afro-descendente concentrada fora do continente africano.

Incluimos este mapa/tabela da África (pág. 36)

Por Riem da África?

País	Capital	Ex-Colônia de:	Data independência	Líder da Independência
África de Sul	Pretória	Inglaterra	1910 <i>(início do Apartheid)</i> 1994	Nelson Mandela
Angola	Luanda	Portugal	1975	Antonio Agostinho Neto
Argélia	Argel	França	1962	
Benin	Porto Novo	França	1960	
Botsuana	Gaborone	Inglaterra	1966	Seretse khama
Burquina Fasso	Uagadugu	França	1960	
Burundi	Bujumbura	Alemanha	1962	
Rep. de Cabo Verde	Cidade de Praia	Portugal	1975	Aristides Pereira
Camarões	Iaundê	França	1960	
Chade	Mdjamena	França	1960	
República Federal Islâmica de Comores (ilha de Njazidja)	Moroni	França	1975	
Congo	Brazzaville	Inglaterra	1958	
Congo	Kinshasa	Bélgica	1960	Patrice Lumumba
Costa de Marfim	Abidjan	França	1959	
Djibuti	Djibouti	França	1977	
Egito	Cairo	Inglaterra	1922	
Eritreia	Asmará	Itália	1993	
Etiópia	Addis Abeba	<i>Não foi colônia</i>		
Gabão	Libreville	França	1960	
Gâmbia	Banjul	Inglaterra	1965	
Gana	Acra	Inglaterra	1957	Kuamê Nkrumah
Guiné	Conakri	França	1959	Ahmed Séku Turé
Guiné-Bissau	Bissau	Portugal	1973	Amilcar Cabral
Guiné Equatorial	Malabo	Espanha	1968	
Reino de Lesoto	Manseru	Inglaterra	1966	
Libéria	Manrovia	<i>Não foi colônia</i>	1847	
Líbia	Tripoli	Grécia	1951	
Malauí	Lilongue	Inglaterra	1964	
Rep. de Madagascar	Antananarivo	França	1960	
Mali	Bamaco	França	1960	
Rep. de Maurício	Port Louis	Inglaterra	1978	
Marrocos	Rabá (Rabat)	França	1956	
Mauritânia	Nuankchott	França	1960	
Moçambique	Maputo	Portugal	1975	Samora Machel
Namíbia	Windhoek	Inglaterra	1990	
Niger	Niamei	França	1960	
Nigéria	Abuja	Inglaterra	1960	
Quênia	Nairóbi	Inglaterra	1963	Jomo Kenyatta
Rep. Centro-Africana	Bangui	França	1958	
Ruanda	Kigali	Alemanha	1962	
Rep. Democrática de S. Tomé e Príncipe	São Tomé	Portugal	1975	
Saara Ocidental	Laâyoune	Espanha	1980	
Rep. das Ilhas de Seychelles	Victoria	Inglaterra	1976	
Senegal	Dakar	França	1960	Lat Dior
Serra leoa	Freetown	Inglaterra	1960	
Somália	Mogadiscio	Inglaterra e Itália	1960	
Suazilândia	Lobamba	Inglaterra	1968	
Sudão	Cartum	Inglaterra	1956	
Tanzania	Dodoma	Alemanha	1963	
Togo	Lomé	França	1960	
Tunísia	Tunis	França	1956	
Uganda	Campala	Inglaterra	1975	
Zâmbia	Lusaka	Inglaterra	1964	Keneth Kuanda
Zimbábue	Harare	Inglaterra	1980	

Leituras complementares

Se você quiser saber mais sobre o assunto leia os seguintes livros:

África na sala de aula - visita à história contemporânea, de Leila Leite HERNANDEZ (SP. Selo Negro, 2005), nesse livro a autora discorre sobre todos os países africanos na atualidade, fornecendo dados recentes, mapas.

Amkoullel, o menino fula, obra biográfica de Amadou HAMPÂTÉ BA. (SP: Editora Palas Athena, 2003), importante intelectual africano do Mali, ex- colônia francesa; narra sua vida detalhando informações sobre administração colonial, educação e a vida entre os grupos islâmicos a que pertenciam seus pais.

História Geral da África, publicação financiada pela UNESCO em várias línguas, formada por 7 volumes, sendo que a Editora Ática os traduziu para o português. Obra de referência, cada volume coordenado por um especialista

Rompendo silêncios: História da África nos currículos da educação básica. Vários autores, dentre os quais, ROCHA, M. J e PANTO J. A. S. (DP Comunicações, Brasília, 2004) abordam a temática africana em sala de aula.

SANKOFA: significado e intenção, (RJ: EDUERJ, 1996), de Elisa Larkin NASCIMENTO, nesta obra encontramos informações preciosas sobre as matrizes africanas da Cultura Brasileira.

Valores civilizatórios em sociedade negro-africanas artigo de Fabio LEITE, publicado pela revista AFRICA ditada pelo Centro de Estudos Africanos (CEA/USP, 1995/1996) artigo fundamental para quem queira conhecer a África profunda de nossos ancestrais.

Sites

www.casadasafricanas.com.br

<http://memoria-africa.ua.pt/>

Vídeos

Matriz afro, baseada na obra de Darcy Ribeiro e levado ao ar pela TV Cultura.

Atlântico Negro: a rota dos orixás, documentário realizado por BARBIERI, filmado na África e no Brasil, mostra a ligação da Casa de Minas do Maranhão, com povos de língua ewe-fon.

Kiriku e a feiticeira, desenho proveniente da França/Bélgica-Luxemburgo dirigido por Michel Ocelot narrando uma lenda africana, 1998.

Referências bibliográficas utilizadas

BALOGUN, Ola. *Introdução à cultura africana*, Lisboa: Edições 70, UNESCO, 1977.

BASTIDE, Roger. *As Américas Negras*, São Paulo: DIFEL/EDUSP, 1974.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a Arte*, São Paulo: Editora Ática, 1976.

CUNHA, Mariano. Arte afro-brasileira in ZANINI, Walter, *História Geral da Arte no Brasil*, São Paulo: Tenenge, 1980.

DELANGE, Jaqueline. *Catálogo da exposição itinerante de artes africanas*, Paris: UNESCO, 1971.

DUQUETTE, D. G. *Dynamique de l'Bidjgo*, Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983.

FAGG, William. *La sculpture africaine*, Paris: Hazan, 1963.

FROBENIUS, Leo. *L'Arte africain in Cahier d'Art*, Paris, 1930.

KALENGA, Múleka-Dítora wa. *Kissolo: modelo africano de máquina para predição e processamento de informações*, São Paulo:ECA/USP, 1989 (tese de doutoramento,edição mimeografada)

KI-ZERBO. *Historia Geral da África*, São Paulo: Ed.Ática, 1980 (volume I).

LAUDE, Jean. *Les arts de L'Afrique noire*, Paris: Livre de Poche, 1966.

LEITE, Fabio. *Valores civilizatórios africanos* in Revista África, São Paulo: CEA/USP, 1994-1996.

MUKUNA,Kazadi wa. *Contribuição Bantu na Música Popular Brasileira: perspectivas etnomusicológica*, São Paulo: Editora Terceira Margem, 2006.

MUNANGA, Kabengele. *A dimensão estética na Arte Negro-Africana Tradicional* in Arteconhecimento, MAC, São Paulo: 2003/2004.

NASCIMENTO, Elisa. *SANKOFA: significado e intenção*, Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

OLIVEIRA, Ana Claudia. *Neolítico: arte moderna*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

PAULME, Denise. *Sculpture de l'Afrique noire*, Paris: P.U.F., 1956.

SILVA, Alberto da Costa. *Um rio chamado Atlântico - a África no Brasil e o Brasil na África*, São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 2006.

SILVA, Dilma de Melo e CALAÇA, M. C. Felix. *Arte Africana & Afro-Brasileira*. São Paulo: Editora Terceira Margem, 2006.

TEMPELS, Placide. *La philosophie bantoue*, Paris: Presence Africaine, 1949.

ANEXO 1

Palavras de origem africana presentes no português do Brasil origem iorubá ou bantu

Abada – túnica usada por malês (africanos islamizados)

Abará – bolinho salgado feito de feijão

Abaeté – lagoa onde se faz oferenda a Oxum

Abebê – leque da Oxum (dourado) ou Iemanjá (prateado)

Acaçá – bolinho agridoce feito de milho branco

Acarajé – bolinho salgado feito com feijão fradinho

Afonjá – uma das qualidades de Xangô

Afoxé – cortejo carnavalesco, candomblé de rua, manifestações que surgiram em Salvador em 1895

Aiê – festa de final de ano, todos se

vestem de branco, designa o mundo visível, em oposição ao mundo não visível: orun

Alguidar – vasilha de barro para colocar alimentos

Angu – pirão ou papa de milho

Atabaque – tambor pequeno

Axé – palavra iorubá que significa força vital

Baba – pai

Babalaô – sacerdote que pratica a adivinhação através do jogo de Ifá

Balafon – marimba

Balangandãs – conjunto de ornamentos, adereços.

Bamba – qualificação para sambista virtuoso

Banguela – sem dentes, corruptela

de ganguele, povo da África Austral que lima os dentes

Bantu/banto – família lingüística da região de Angola, Congo.

Banzé – dança

Banzo – nostalgia, depressão.

Batuque – dança afro

Benguê – culto banto

Berimbau – instrumento musical

Bobó – prato da culinária afro

Bongô – instrumento musical

Bunda(o) – nome dados aos falantes do quimbundo, eram portadores de glúteos proeminentes, nádega em português

Búzio – concha

Caçamba – balde para retirar água

Caçula – o filho mais jovem

Cachimbo – instrumento usado para fumar

Cacimba – poço

Cafundó – remanescente de quilombo, distante, remoto

Cafuné – coçar a cabeça para relaxamento

Calunga – grande imenso, mar, morte

Candomblé – religiosidade africana de origem iorubá

Canjica – prato da culinária afro

Capoeira – técnica corporal de ataque e defesa

Caruru – prato da culinária afro

Cauri – búzio, concha

Congada – dança de origem afro

Congo – nome dado aos habitantes do Congo e Angola

Cuíca – instrumento musical

Cumba – tambor, tocador de tambor (m'cumba)

Cuscuz – prato da culinária afro

Dunga – chefe, líder

Ebó – oferenda

Embalar – do quimbundo docemente, suavemente

Empacar – não continuar, não prosseguir do quicongo mpaka: teima, birra

Encabular – envergonhar-se

Epa – saudação a um orixá: Epa babá ou epa he Oiá!

Escangalhar – estragar

Exu – orixá portador da força vital

Fandango – dança de origem africana (quimbundo fandanga, significa pólvora)

Farofa – prato da culinária afro, para Exu

Feijoada – prato da culinária afro, para Ogum

Fofocar – fazer intriga

Fula – grupo étnico africano, islamizado

Fuleiro – designação pejorativa (relacionada aos fulas)

Fuzuê – confusão	Malungo – companheiro de viagem
Gandaia – vadiagem	Mambembe – grupos teatral volante, itinerante
Gangazumba – o rei supremo de Zâmbi (chefe, rei)	Mambo – gênero musical
Ginga – meneio de corpo usado na capoeira	Mandinga – grupo étnico africano conhecido por serem hábeis manipuladores da força vital (axé ou ntu)
Guma – terreiro onde se dança	Mangar – zombar, caçoar
Iaiá – de iá, mãe em quicongo	Marabu – chefe entre os mandingas islamizados
Inhame – tubérculo de origem africana	Marafo – bebida alcoólica
Jabá – Jabaculê - suborno	Matuto – homem que vive no mato
Jongo – dança de origem africana	Maxixe – música e dança afro
Ialorixá – mãe de santo, no candomblé	Meganha – soldado
Kalimba – instrumento musical	Miçanga – contas de vidro
Lero-lero – conversa fiada	Milonga – música e dança do quimbundo milonga (dengue, manha)
Lambada – golpe de chicote	Mingau – papa de farinha de cereais
Lambunja – vantagem de um jogador sobre outro	Mocambo – palhoça
Lenga-lenga – conversa ou discurso enfadonho	Molambo – trapo, pano velho, pessoa fraca sem caráter
Leso – idiota	Moleque – garoto, filho mais novo
Lundu – música e dança afro	Molenga – preguiçoso indolente
Manha – choro infantil	Moqueca – quisado
Maçambique ou moçambique – dança praticada na festa de Reis	Moringa – vasilha para água
Macumba – de cumba, tocador de tambor	Muamba – cesto para transportar mercadorias
Malê – muçulmano	Mucama – escrava para trabalhos domésticos

Mungunzá – canjica	Quilombo – povoado, acampamento
Muquirá – miserável, mendigo	Quindim – doce
Mutreta – trapaça	Quitanda – tabuleiro de doces
Muxoxo – som para demonstrar desdém	Quitute – iguaria fina
Nagô – nome dados aos iorubás pelos inimigos fon, chamando-os de piolhentos, que não tomavam banho	Quizila – algo proibido
Nha – senhora, do quimbundo ngana (senhora)	Roncó – local sagrado onde se recolhem os iniciados durante os rituais
Oba – saudação ao orixá, significa grande rei	Safári – expedição de caça em selvas africanas
Orixá – forças da natureza	Samba – nome genérico de várias danças, vem de masemba (umbigada)
Paiá – chocalho	Sapeca – diz-se uma moça assanhada
Pala – proteção para os olhos; peça de roupa longa	Saracotear – agitar-se, fazer meneios com o corpo
Pamonha – diz de pessoa molenga, do quimbundo ka-monha	Sará – formiga branca
Papai – do swali mpapaia, fruta do mamoeiro	Sarava – saudação que significa salve!
Papar – comer	Senzala – de sanzala lugar onde viviam os escravizados
Papear – conversar	Sonso – pessoa que esconde a espartezia
Patota – grupo de pessoas com interesse comum	Sopapo – murro
Pinguela – tronco ou prancha que serve de ponte sobre um rio	Sova – sovar - dar pancada com a mão
Oxalá – orixá supremo, a quem se faz rogações	Sunga – calção curto para banho
Quenga – prostituta	Supimpa – muito bom, excelente
Quiabo – de quibombó, usado na alimentação	Taca – relho ou chicote

Tacada – dar com o relho	Xaxará – símbolo de Omolu
Tagarela – pessoa que fala muito	Xepa – algo banto, de inferior qualidade
Tamanco – calçado aberto destinado aos escravos	Xingar – dirigir insultos
Tanga – roupa	Xodó – sentimento amoroso
Tango – dança de origem negra do sudanês tango, dança com tambores	Xoxota – doquicongo sota que significa clitóris
Trambique – negócio fraudulento	Zâmbi – do termo banto Nzambi – entidade suprema, grande chefe
Tunda – surra	Zabumba – tambor grande
Tutu – feijão cozido refogado com farinha	Zangar – vaguear sem rumo
Ué – interjeição que indica espanto	Zoeira – algazarra, ruído
Umbanda – religiosidade brasileira, formada pela imbricação de elementos da religiosidade bantu (culto aos ancestrais) iorubá (culto aos orixás) kardecismo, e outras influências	Zombar – escarnecer
Vodu – designação para as divindades do povo fon do Dahomey	Zonzeira – tonteira
	Zonzo – tonto, aturdido
	Zunir – provocar ruído
	Zuza – chocalho

ANEXO 2

MANCALA ou AWOLEY – UM JOGO AFRICANO

I – Descrição

A MANCALA é um jogo muito popular, encontrado em toda a África e com nomes diferentes, dependendo do lugar. É praticado por pessoas de todas as idades desde os mais jovens.

Constitui-se de um tabuleiro com 2 fileiras de buracos. É jogado com “peões”, isto é, peças que podem ser pedras, grãos, sementes, contas e até bolinhas de gude. Na África, na falta de um tabuleiro, utilizam-se buracos feitos na areia.

É um jogo de raciocínio com complexidade similar ao Jogo de Xadrez. Exige alto grau de abstração e é um bom exercício para o cérebro.

Kanga Ballou escreveu um livro interessante sobre o assunto. Jogar MANCALA requer a capacidade de definir quantidde e pendor para planejar movimentos evasivos. É fácil de aprender e divertido.

Há muitas formas de se jogar MANCALA. Citamos apenas uma, que é a forma clássica, tradicional e que serve de modelo.

II - Forma Clássica de se jogar “MANCALA”-

a) COMPOSIÇÃO DO JOGO –

- O jogo é feito com 2 pessoas;
- O tabuleiro contém 48 peças, sendo 24 peças para cada jogador;
- Os jogadores colocam-se frente a frente e o tabuleiro é colocado horizontalmente entre eles;
- O tabuleiro tem 2 fileiras;
- Cada fileira tem 6 buracos;
- Cada buraco contém no início do jogo, 4 peças;
- Cada fileira de buracos será o território de cada jogador;
- O jogador deve prestar atenção no jogo do adversário, para evitar que este, (o adversário), capture as peças daquele, (o jogador).

b) NOTAS EXPLICATIVAS

c) OBJETIVO DO JOGO

O OBJETIVO É CAPTURAR AS PEÇAS DO ADVERSÁRIO E FRUSTRAR SEUS PLANOS.

d) REGRAS

1- O jogador que começa pega todas as 4 peças de qualquer um dos buracos de sua fileira;

2- Distribui uma peça em cada buraco seguinte, sempre na seqüência, no sentido ANTI-HORÁRIO;

3- O buraco de onde o jogador tirou as peças ficará vazio e cada buraco seguinte receberá uma peça;

4- Assim que a última peça é colocada no buraco, será a vez da outra pessoa jogar;

5- A escolha do buraco de onde se vai tirar as peças para distribuí-las dependerá de uma estratégia de defesa e ataque;

6- É PROIBIDO a mesma pessoa jogar 2 vezes consecutivas.

e) A CAPTURA DAS PEÇAS-

O número de peças exigidas para uma captura é 2 ou 3. A captura de 2 ou 3 peças acontece quando, durante a distribuição, a última peça é colocada num buraco da fileira do adversário, que já contenha 1 ou 2 peças e agora essas peças serão somadas para 2 ou 3 e aí capturadas.

f) CAPTURANDO UMA SÉRIE DE PEÇAS-

Uma série de 2 ou 3 peças é capturada quando:

1- A última peça colocada no buraco da fileira do adversário, completa as peças deste buraco em número de 2 ou 3;

2- Os buracos anteriores àquele que recebeu a última peça, também contenha 2 ou 3 peças.

g) O FINAL DO JOGO-

- um jogador pega 25ª peça;

- não houver mais peças nos buracos;

- acabar o limite de tempo, determinado no início do jogo, pelos próprios jogadores. Neste caso, o vencedor será aquele que tiver maior número de peças.

Notas

¹ *Homo Sapiens* – nome dado ao ser humano, após o processo de evolução da sua condição animal para a humana.

² *Ancestralidade Milenar* – o povo brasileiro foi formado a partir de vários povos e culturas que existiam há milhares de anos atrás; assim temos ancestrais ou antepassados africanos, indígenas e europeus.

³ *Etnocêntrica* - esse adjetivo vêm de *Etnocentrismo*, ou seja, a teoria explicativa centralizada no próprio grupo; os europeus “explicam” a África somente a partir da Europa.

⁴ *Griot* – nome dado aos conhecedores da tradição oral, das genealogias dos antepassados.

⁵ *Valores Civilizatórios* – essa designação se refere aos princípios que regulam as comunidades; no caso africano dizem respeito à: força vital, noção de palavra, processo de socialização, organização familiar, dentre outros.

⁶ *Arte Rupestre* – esse nome é dado à produção artística feita em pedras e rochas em cavernas.

⁷ *Neolítico* – nome dado ao período da história da humanidade no qual os homens utilizavam a pedra polida, praticavam a agricultura deixando de serem nômades. Esse período sucedeu ao Paleolítico, período da pedra lascada.

GLOSSÁRIO DA COLEÇÃO

Auto-aceitação: ato ou efeito de aceitar a si mesmo; acolhimento. Disposição de experimentar, acolher e assumir responsabilidades pelos próprios pensamentos, sentimentos e ações.

Auto-estima: sentimento amoroso que uma pessoa é capaz de nutrir por si mesma. Reconhecimento e valorização das próprias qualidades, potencialidades e atributos físicos e respeito às próprias imperfeições e limitações.

Axé: palavra de origem iorubá que significa força vital. Trata-se da força-ser que estrutura o universo. Em língua bantu: ntu.

Casa-grande: habitação senhorial, geralmente o centro de uma propriedade rural (engenho de açúcar, fazenda de café ou gado) em que habitavam o senhor proprietário, seus familiares e agregados.

Discriminação positiva: termo usado atualmente com a finalidade de reparar erros que foram secularmente cometidos e endossados pela sociedade. Exemplos: bancos diferenciados para idosos no transporte coletivo; cota mínima para mulheres nas representações de partidos políticos; cota mínima para indígenas e afro-descendentes nas instituições de ensino superior.

Discriminação racial: ato de discriminar uma pessoa tendo como base sua raça/cor da pele, com a intenção de preteri-la, ofendê-la, excluí-la ou inferiorizá-la. Pode ser um ato explícito, dirigido diretamente à pessoa-alvo, ou um ato camuflado.

Discriminar: separar com base em categorias. Por exemplo, ao criar a categoria cor, discrimina-se o azul do amarelo, do roxo, do preto, do cor-de-rosa. Ao criar a categoria som: discrimina-se o som alto do baixo, do agudo, do grave. A discriminação deixa de ser somente um ato de separação que visa organizar algo dentro de categorias inventadas pelos humanos quando é apoiada em valores por meio dos quais são estabelecidas hierarquias.

Estereótipo: clichê, rótulo, modelo rígido e anônimo, com base no qual são produzidos, de maneira automática, imagens ou comportamentos. Chavão repetido sem ser questionado. Parte de uma generalização apressada: toma-se como verdade universal algo que foi observado em um só indivíduo.

Estigma: refere-se a algum atributo ou qualidade de natureza depreciativa que se apresentam como verdadeiros, mas que de fato foram forjados nas relações sociais, geralmente num contexto de disputa ou competição. Por isso, o estigma, quer individualmente ou socialmente, pode ser usado, por exemplo, como instrumento para justificar a exclusão de uma pessoa ou grupo da participação efetiva na sociedade.

Flexibilidade: qualidade de flexível, elasticidade; capacidade dos indivíduos de enfrentarem as mudanças sem apegos inadequados ao passado e sem dificuldades para lidar com o que é novo.

Identidade: produto dos papéis sociais que o sujeito assume em suas relações sociais; sentimento que uma pessoa tem de possuir continuidade, como distinguível de todas as outras. “Os termos ‘identidade’ e ‘subjetividade’ são, às vezes, utilizados de forma intercambiável. Existe, na verdade, uma considerável sobreposição entre os dois. ‘Subjetividade’ sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre ‘quem somos’. (...) As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (Kathryn Woodward).

Identificação: processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro, e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constituiu-se e diferencia-se por uma série de identificações.

Personalidade: organização constituída por todas as características cognitivas, afetivas e físicas de um indivíduo; o elemento estável da conduta de uma pessoa; sua maneira habitual de ser, aquilo que a distingue de outra.

Preconceito: “é um juízo preestabelecido, baseado em mera crença ou opinião que formamos sem conhecer devidamente a realidade sobre a qual nos manifestamos. Portanto, pré-conceito significa ‘conceito prévio’, formulado sem o cuidado de permitir que os fatos sejam investigados e possam contrariar nossos julgamentos ou opiniões” (Renato Queiroz). “O preconceito é entendido, em geral, como uma atitude hostil em relação a um grupo de indivíduos considerados inferiores sob determinados aspectos – morais, cognitivos, estéticos – em relação ao grupo ao qual o preconceituoso pertence ou almeja pertencer” (José Leon Crochik).

Preconceito racial: concepção sem exame crítico, formada a priori, transmitida culturalmente de geração em geração. Caracteriza-se por idéias assumidas com propriedade, sem reflexão sobre sua racionalidade e sobre a conseqüência de aderir ou não a elas.

Psique: a alma, o espírito, a mente.

Psiquismo: conjunto de fenômenos ou de processos mentais conscientes ou inconscientes de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos.

Racismo: explicação criada, no século XIX, para justificar a ação política de discriminação, segregação, exclusão e eliminação baseada na idéia de que existem raças humanas com características determinadas e imutáveis, atribuídas a todos os indivíduos pertencentes a este grupo e transmitidas hereditariamente. A cada raça biológica corresponderiam também traços de cultura, valores, ciências, de modo que as “raças” mais evoluídas deveriam dominar e comandar as menos evoluídas, para o bem da própria humanidade. O racismo é uma ideologia ou forma de dominação que explica e justifica que essas supostas raças superiores dominem ou eliminem as consideradas inferiores.

Senzala: espaço, na casa-grande ou sobrado senhorial, reservado ao abrigo dos escravos. Geralmente de uma só porta e sem janelas para evitar fugas. Lugar insalubre onde se prendiam homens e mulheres de todas as idades. Na origem (Angola), significava “residência familiar”.

Subjetividade: dimensão do ser humano que está para além dele, não se restringindo a uma essência interna. É constituída pelos níveis individual e social; é histórica, construída e se desenvolve nos processos das relações sociais dentro das culturas onde as pessoas vivem.

Quilombo: na origem (Angola), significa acampamento e, por extensão, os locais onde se reuniam os prisioneiros destinados à escravidão antes de serem embarcados nos tumbeiros. No Brasil, desde a Colônia, ganhou nova conotação a partir do momento em que o refúgio/acampamento de escravos fugidos passou a ser identificado para combate e desmantelamento. A palavra mocambo também é utilizada com o mesmo significado, embora na origem (quicongo) designe telhado de habitação miserável.

Valores civilizatórios africanos: no Brasil existem valores originários da matriz africana que constituem elementos fundadores de nossa cultura: solidariedade, sociabilidade, hospitalidade, gestualidade, musicalidade.

A coleção *Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola* é composta pelos seguintes volumes:

1. *Percepções da diferença.*

Autora: Gislene Aparecida dos Santos

2. *Maternagem. Quando o bebê pelo colo.*

Autoras: Maria Aparecida Miranda e Marilza de Souza Martins

3. *Moreninho, neguinho, pretinho.*

Autor: Cuti

4. *Cabelo bom. Cabelo ruim.*

Autora: Rosângela Malachias

5. *Professora, não quero brincar com aquela negrinha!*

Autoras: Roseli Figueiredo Martins e Maria Letícia Puglisi Munhoz

6. *Por que riem da África?*

Autora: Dilma Melo Silva

7. *Tímidos ou indisciplinados?*

Autor: Lúcio Oliveira

8. *Professora, existem santos negros? Histórias de identidade religiosa negra.*

Autora: Antônia Aparecida Quintão

9. *Brincando e ouvindo histórias.*

Autora: Sandra Santos

10. *Eles têm a cara preta!*

Vários autores

ISBN 978-85-296-0082-6 (Obra completa)

ISBN 978-85-296-0083-3 (Vol. 1)